



ABC DO GLÓRIA: UMA EDUCAÇÃO SOCIAL EM PROL DA FORMAÇÃO CIDADÃ DEMOCRÁTICA

ABC DO GLÓRIA: A SOCIAL EDUCATION FOR DEMOCRATIC CITIZEN
FORMATION

Gabriel Marques Fernandes¹

RESUMO: Este relato de experiência apresenta o resultado do estudo, desenvolvido em 2022/2, sobre o projeto ABC do Glória, explicando suas práticas pedagógicas por meio da categoria de educação social – fundamentada nas reflexões de João Clemente de Souza Neto (2012). Para isso, foi feita uma análise de documentos institucionais internos, revisão bibliográfica de pesquisas sobre o ABC e uma visita ao campo. Conclui-se que o projeto ABC do Glória pode ser considerado um modo de educação social, baseada em Paulo Freire, que contribui para a formação cidadã democrática ativa das crianças e adolescentes do bairro Élisson Prieto, antigo Assentamento do Glória, da cidade de Uberlândia (Minas Gerais – MG).

Palavras-chave: ABC do Glória; Educação Social; Cidadania.

ABSTRACT: This experience report presents the result of the study, carried out in 2022/2, on the ABC do Glória project, explaining its pedagogical practices through the category of social education – based on the reflections of João Clemente de Souza Neto (2012). For this, an analysis of internal documents, a bibliographic review of research on the ABC and a visit to the field were carried out. It is concluded that the ABC do Glória project can be considered a form of social education, based on Paulo Freire, which contributes to the active democratic citizenship training of children and adolescents in the Élisson Prieto neighborhood, formerly the Glória Settlement, in the city of Uberlândia (Minas Gerais – MG).

Keywords: ABC do Glória; Social Education; Citizenship.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este relato de experiência apresenta os resultados da investigação realizada no projeto ABC do Glória², na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, em 2022/2. Na época, o impulso que me levou a conhecer o ABC foi ritmado pelas propostas da disciplina *Social Educator Studies Onto Interdisciplinarity*³, que teve como objetivo refletir sobre a atuação de educadores sociais no Brasil, Alemanha e Finlândia. Questionava-me: será que as práticas pedagógicas do ABC poderiam ser consideradas uma forma de educação social?

¹Gabriel Marques Fernandes, Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), gabrielmf027@gmail.com.

²Para mais informações sobre como contribuir com o projeto ABC do Glória, acesse o *site*: <https://abcdogloria.org/>.

³Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. João Clemente de Souza Neto no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura do Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (PPGEAHC/CEFT/UPM).



Entendo, aqui, educação social por meio da definição feita no artigo “Pedagogia Social: a formação do educador social e seu campo de atuação” (2012), de João Clemente de Souza Neto. Para Neto, educação social⁴ é uma postura ética, onde o profissional constrói um espaço para que o sujeito/educando possa elaborar ferramentas para entender suas circunstâncias histórico-culturais, enfatizando conflitos, diversidades e tensões em torno das desigualdades e injustiças sociais, produzindo “[...] um conhecimento que pode contribuir para a emancipação da humanidade e, ao mesmo tempo, contrapor-se ao discurso da educação instrumental de cunho mecanicista, bem como da fragmentação das dimensões do ser humano” (NETO, 2012, p. 49).

Nessa acepção de educação social, compreendo, portanto, que a relação crítico-reflexiva entre o sujeito e seu meio contribui para formação de um cidadão democrático, tendo em vista que, como destaca Maria Victoria de Mesquita Benevides, em “Cidadania e Democracia” (1994), uma democracia, de fato, é aquela que o cidadão é ativo – e, para isso, ele precisar ter consciência de si e de seu lugar no mundo (a postura da pedagogia social contribui para gestar isso, rompendo com uma educação de cunho instrumental que distorce a função do ensino, transformando-o em tecnocrático e autoritário).

Ao escrever este texto, confesso, leitores, que olhar para as práticas pedagógicas do ABC do Glória, na chave, anteriormente exposta, sobre educação social, torna-se mais rico, considerando que: enquanto digito, acompanho os desdobramentos dos acontecimentos de 08 de janeiro de 2023, onde o Congresso Nacional foi invadido e depredado por extremistas (parcela do eleitorado do candidato derrotado no segundo turno das eleições gerais de 2022, ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro) – nomeados, pela imprensa, como terroristas.

Em que momento a formação cidadã, uma das preocupações da Constituição Federal de 1988 (CARVALHO, 2004), para combater a herança do regime militar (BITTAR; FERREIRA JR., 2008), ficou comprometida? É uma resposta que não daremos aqui. Entretanto, retornar à minha breve pesquisa no ABC do Glória pode ser, para nós, professores, um ponto de partida para repensarmos nossas práticas pedagógicas.

Dividi, então, o texto em duas partes: 1) “Das expectativas: uma leitura indireta do ABC”, que tem a função de localizar o leitor sobre a conjuntura e sentido do projeto a partir da análise de documentos institucionais internos e pesquisas acadêmicas. Feito isso, caminhamos para 2) “Uma educação social freireana? Um mergulho no ABC do Glória”, onde será apresentado as percepções da visita de campo que realizei, dando conta responder as dúvidas reminiscentes do momento anterior.

DAS EXPECTATIVAS: UMA LEITURA INDIRETA DO ABC

⁴ Há uma distinção, não moral ou de importância, entre educação social e trabalho social. Segundo Bernd Fichtner (2022), trabalho social se caracteriza por ajudar ou cuidar; já a educação social possui uma perspectiva ética de uma pedagógica social. Ou seja, apesar da educação social não ser restrita à uma questão de classe, quando falamos de um grupo social com baixo acesso às políticas públicas e sociais, o trabalho social se faz necessário: já que, como diz Bertolt Brecht, na *Ópera dos Três Vinténs* (primeira publicação: 1928): “Primeiro vem a barriga, depois vem a moral” (apud VALENTE, 2006). Entretanto, não podemos parar na barriga, já que, como Karl Marx destaca: a mercadoria deve satisfazer as necessidades do estômago e da fantasia (MOURA, 2005) – logo, o educador social deve agir no campo da fantasia, no combate da alienação, fetichização e reificação do sujeito histórico.



O projeto ABC do Glória⁵ foi fundado a partir de uma demanda da comunidade do assentamento do *campus* Glória (propriedade ocupada da Universidade Federal de Uberlândia [UFU]), na zona metropolitana de Uberlândia, no ano de 2016.

Moradores da região, preocupados com o futuro de seus jovens diante da precarização (infraestrutural [sem saneamento básico, escolas, saúde, energia, asfalto, etc.] e cultural [com a presença, violenta, do trágico de drogas na região]), entraram em contato com o Centro Voluntário Universitário (CVU), da UFU, solicitando a realização de atividades educacionais para crianças e adolescentes.

Frente à demanda, alguns graduandos da universidade estreitaram as relações com os moradores do Glória, construindo, a princípio, uma biblioteca comunitária nas dependências da Capela Beata Helena Guerra – na atual rua Paulo Freire. Posteriormente, o projeto enquadrou-se nas práticas extensionistas da UFU, recebendo verbas da universidade para desenvolver atividades, aos finais de semana, de reforço de matemática e português para as crianças e adolescentes - beneficiários do projeto.

Entretanto, diante de outros diagnósticos, o projeto ABC do Glória, com uma ênfase em reforço escolar, sofreu críticas dos beneficiários. Mudou-se o escopo e enquadramento organizacional do projeto, priorizando a abordagem lúdica do processo de humanização e empoderamento das crianças e adolescentes dessa, agora, não mais prática extensionista, mas sim, Organização da Sociedade Civil (OSC)⁶.

Ao tentar imergir no projeto ABC do Glória foi necessário, antes de ir ao campo, entender um pouco mais sobre as diretrizes das práticas pedagógicas da OSC. Para isso, realizei um levantamento exaustivo do projeto na *internet* – além de, também, ter contato com os documentos internos da instituição.

O projeto ABC do Glória, desde 2019, é regido por dois regulamentos centrais: o *Estatuto Social da Associação do ABC do Glória* e o *Plano Educacional*.

Dividido em cinco capítulos, o *Estatuto* apresenta a constituição, denominação, sede e duração do projeto (entendendo-o como uma associação de interesse privado, sem fins lucrativo e partidária), missão e fins (em linhas gerais, se tem como objetivo: “[...] formar crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social, em indivíduos autônomos, solidários e conscientes do seu potencial ativo na sociedade por meio dos projetos culturais e educacionais” (ESTATUTO, 2019, p. 1)); além de desenvolver programas assistenciais, de trabalho social, continuados), dispõe-se sobre os associados (fundadores e colaboradores), estrutura organizacional, patrimônios e fontes de recursos e disposições gerais.

A partir disso, as ações pedagógicas do *Plano Educacional* justificam e aprofundam na missão e seus fins. “Educar com afeto é revolucionário” (PLANO, 2019,

⁵ Em 2022, o projeto contava com 17 voluntários internos, 70 voluntários externos e 140 beneficiários (que devem estar, regularmente, matriculados no ensino escolar).

⁶ Segundo a jornalista Marina Barquete Agostinho, “[...] os principais problemas encontrados pela parceria entre poder público e ONGs [...] foram: ausência de critérios para escolha de entidades beneficiadas, favorecendo certas organizações de forma irregular, desvio de finalidade dos recursos recebidos pela instituição e insuficiência dos mecanismos de controles interno e externo para prevenir e corrigir os problemas encontrados” (AGOSTINHO, 2022, p. 21). Para solucionar tais questionais, em 2014 foi promulgado o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil. Logo, uma OSC, advinda do marco, deve “[...] aperfeiçoar e garantir o trabalho de instituições sérias e comprometidas com o seu dever social” (AGOSTINHO, 2022, p. 22).



p. 1): essa é a primeira frase que indica a pedagogia do ABC do Glória – lembrando-nos, em certa medida, as noções de Paulo Freire da luta do oprimido (colocando-a como um ato de amor (FREIRE, 1987)).

Depois desse trecho, o objetivo, com citação direta da missão do *Estatuto*, é enunciado; e se responde: “Por que fazemos?”:

Ao considerar nosso contexto de atuação, entendemos a necessidade de potencializar as relações de jovens e crianças da comunidade, de maneira a reconhecer e trabalhar suas demandas, além de abrir caminhos para construção e novas perspectivas sociais que levam à conquista de direitos (PLANO, 2019, p. 2)

Para realizar tal formação cidadã, o eixo central do ABC do Glória é o processo de ensino-aprendizagem por meio do lúdico (citam Marilene Grandesso), construindo oficinas socioeducativas que partem da demanda dos jovens e comunidade (exemplos: capoeira, dança, música, produção artística, leitura, futebol, produção de instrumentos com materiais recicláveis e pintura). No *Plano*, ao apontar sobre o que acontece em cada encontro, destaca-se, novamente, a educação libertadora, em uma chave freireana, ressaltando a mediação de experiência entre voluntários, crianças e adolescentes.

Os pilares pedagógicos colocados no *Plano* são centralizados em Paulo Freire, construindo um espaço para que os discentes compreendam que eles possam ser mais do que o ambiente que os cerca (pobreza extrema, tráfico de drogas, ausência de saneamento básico (PLANO, 2019)) - a ideia é empoderar para transformar, elaborando um espaço em que as crianças e adolescentes tenham consciência de suas circunstâncias para, assim, impactar, ativamente, suas realidades: teoricamente, é aqui que podemos entender o ABC como uma educação social (nos critérios aqui expostos), já que há uma proposta de mediação entre o subjetivo e o coletivo, entre o jovem entender sua biografia e como ela é impactada pela dimensão social – para fundamentar isso, citam, também, brevemente, Lev Vygotsky.

Portanto, ao olharmos as estratégias pedagógicas do projeto ABC do Glória por meio da documentação interna, veremos uma OSC que tem como ênfase a humanização das crianças e adolescentes do assentamento do Glória, construindo isso não a partir de uma normatização educacional de cima para baixo, instrumental e mecânica, mas sim, partindo do lúdico, estimulando a imaginação, logo a compreensão da historicidade, reforçando a relação das crianças e adolescentes com sua cultura e biografia, com o intuito de contribuir para formação de sujeitos ativos que lutam, democraticamente, pelos seus direitos – por isso as chaves de Freire, Vygotsky e Grandesso são mobilizadas.

Nesse ensejo, questiona-se: o que está no *Estatuto* e no *Plano*, de fato, acontece?

Atualmente, existem três pesquisas sobre o projeto ABC do Glória, três Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), no estilo de relato de experiência, de antigos voluntários da OSC – todos defendidos na UFU.

Em *Projeto ABC do Glória: construindo uma atuação em Psicologia Escolar e Educação Popular* (2020), da psicóloga Érika Pires Reis, temos contato com o relato de experiência que aproxima Freire, em uma chave psicológica, dentro do campo do ABC do Glória, concluindo como o projeto impacta a autora, entretanto, destacando a importância do projeto na comunidade do Glória: “Quando escrevi este ensaio, em cada



linha que pensava, via o quanto foram se construindo os laços que hoje fazem transformação, não só para as crianças e adolescentes que vão aos finais de semana, mas para a comunidade Glória e para os voluntários” (REIS, 2020, p. 51).

O segundo TCC, também do campo da psicologia, *Dias de Glória: relato de trabalho voluntário em uma ONG* (2022), Matheus Dias Xavier busca relatar a realidade e funcionamento de uma OSC, distinguindo-a de uma ONG, apontando para as formas de sustentabilidade e sobrevivência do ABC do Glória (de seu *Plano* e *Estatuto*), questionando qual seria o impacto, político-pedagógico, dos financiamentos do projeto – tais reflexões surgiram ao longo de um momento da Pandemia Mundial de COVID-19, onde a OSC potencializou seus trabalhos sociais com o intuito de ajudar não apenas os beneficiários, mas sim, outros membros da comunidade do Glória. Xavier demonstra-se preocupado com a autonomia do projeto ABC do Glória diante da fonte do financiamento de sua manutenção.

Por fim, o TCC *Terceiro setor na mídia: uma análise de como a OSC ABC do Glória é representada na imprensa televisiva uberlandense* (2022), da jornalista Marina Barquete Agostinho, analisa reportagens televisivas da OSC verificando se o que é noticiado na comunidade é a dimensão da pedagogia social, na chave de Freire, ou do trabalho social do projeto – conclui-se que o ABC do Glória é divulgado como trabalho social, tendo o maior fluxo de notícias circuladas durante a Pandemia Mundial de COVID-19.

Concluo, então, que todas as pesquisas, em nível de graduação, apresentam um relato de experiência que destaca a continuidade entre *Plano Educacional/Estatuto* com as práticas pedagógicas da OSC. Entretanto, nos relatos, não são citados Grandesso ou Vygotsky, como nos documentos orientadores, mas sim, apenas práticas em torno de Freire – que, por sua vez, as pesquisas de 2022, como vimos em Xavier e Agostinho, expressão suas preocupações com o impacto de novos meios de financiamento de amplificação da divulgação distorcida do projeto na mídia (isso afetaria a educação social do ABC do Glória? É uma resposta que é necessário um pouco mais tempo para avaliarmos – fugindo do escopo deste relato).

UMA EDUCAÇÃO SOCIAL FREIREANA? UM MERGULHO NO ABC DO GLÓRIA

Resta-nos, portanto, verificar se, de fato, as estratégias pedagógicas sociais, lúdicas, com base em Freire, são realizadas na prática. Para isso, visitei, no dia 01 de outubro de 2022, um dia antes do primeiro turno das eleições gerais de 2022, as imediações do projeto.

Pedagogia do Oprimido (1987) foi a obra escolhida para que eu conseguisse me preparar para essa incursão. Entendo que, para Freire, a educação tem o sentido de humanizar opressores e oprimidos, gestando uma transformação social via emancipação e autonomia - o processo de humanização é, na verdade, a ruptura de uma forma de educação bancária, que deposita de forma autoritária as informações conteudistas nos estudantes.

Na contramão da transmissão, Freire desenvolve uma abordagem que pode ser lida como dialógica (COIMBRA, 2017), onde ele considera o sujeito dentro de sua



circunstância, de sua cultura, de sua experiência e, a partir disso, estabelece a articulação crítica, questionadora, por meio de uma situação-problema, mediando o saber científico do conteúdo – destaca-se, aqui, o método de alfabetização desenvolvido em Angicos, em 1963, no Rio Grande do Norte (RN), onde Freire, para realizar essa ação com trabalhadores rurais, constrói uma ponte entre o universo dos alfabetizados e o saber formal por meio das “palavras geradoras” (CARVALHO, 2004).

Tendo esses critérios em meu horizonte, minha visita se deu em um sábado de manhã. Como não tem ônibus e os motoristas de aplicativos, ou táxis, não entravam dentro do bairro Élisson Prieto, 7h50 fui até o ponto de encontro, onde os voluntários se encontraram para dividir caronas para chegarmos até o ABC.

O ponto é em frente à Universidade Federal de Uberlândia, em um antigo posto de gasolina, que, agora, é uma espécie de lava-jato e embarque alternativo de viagens que transladam na região.

Ao chegar lá, não identifiquei nenhuma pessoa com a camiseta do projeto. Vi que tinha uma aglomeração, entretanto, por não saber do que se tratava, não me aproximei. Por volta das 8h10, chegaram 3 pessoas com camisetas do ABC; já sabiam que eu estaria aguardando. Ao todo, tinha por volta de 10 voluntários que iriam para atividade de sábado.

Apesar de, dentre os voluntários internos⁷, não ter nenhum componente que cursa pedagogia (existem integrantes da Psicologia, Engenharia Ambiental e Relações Internacionais), alguns externos estavam no curso (conversei, também, com uma voluntária do Direto, que falou que iam bastante “oficineiros” do curso da Pediatría no ABC).

Pelo que entendi das conversas paralelas da viagem: pelo fato de não ter atividade no domingo daquela semana, devido às eleições gerais, a OSC atuaria, no dia em que fui, das 9 horas até 15 horas, dois turnos, atendendo crianças e adolescentes no mesmo dia – acompanhei todas as atividades (mas este relato tratará, centralmente, das atividades realizadas com as crianças).

É visível quando adentramos no bairro. Há uma mudança da rua asfaltada para não asfaltada. A terra do “assentamento” estava, levemente, molhada – tinha chovido muito na noite anterior. Ao chegarmos no espaço do ABC, a população do entorno ajudou a empurrar o carro, pois ele ficou, por pouco tempo, atolado, para entramos na dependência da OSC.

Os quatinhos do projeto ficam na propriedade da Capela (dois cômodos, um pátio e um banheiro). Em frente, um campinho de terra de futebol. Em volta, tinham algumas lanchonetes, mercadinhos, loja de roupa.

O sol no Élisson Prieto parece ser mais quente, parece ter dois sóis ali, como os

⁷ Xavier destaca que existem dois tipos de voluntários no ABC do Glória: os internos e os externos. Os voluntários internos são aqueles que se “[...] envolvem diretamente nos procedimentos burocráticos financeiros e de planejamento estratégico das atividades do ABC do Glória” (XAVIER, 2022, p. 18), integrando diferentes diretorias, como gestão de oportunidades, gestão de projetos, administrativo-financeiro e comunicação. Já os voluntários externos, são os “oficineiros” e aqueles que, após treinamento, “[...] são convocados, uma vez por ano, via redes sociais, a participar dos exercícios e atividades semanais da organização, auxiliando a comissão gestora com os beneficiários” (XAVIER, 2022, p. 21).



moradores dizem, pois não tem árvores no local, não venta, por conta das condições planas do terreno. É terra e calor. Antes de descer do carro, vi que já tinha uma pequena fila; algumas crianças estavam esperando os portões abrirem.

Abrimos, mas elas não entraram. Somente 9h, chegamos 8h30. Nesses trinta minutos, arrumamos o espaço para as atividades e os voluntários que não tinham roupa do ABC receberam coletes de identificação, que foram pintados pelos beneficiários.

As atividades da parte da manhã seriam as seguintes: 1) oficina sobre educação sexual, 2) oficina sobre eleições e 3) futebol. Os beneficiários seriam divididos em 3 grupos e, quando cada atividade acabasse, eles iriam circulando a participação em cada uma das ações. Ao final, todos comeriam lanche.

O primeiro problema surgiu. Os “oficineiros” da pediatria, que iam para oficina de educação sexual, não iriam comparecer. O que fazer? Uma das voluntárias fez uma oficina improvisada de yoga.

O horário foi passando e, então, as voluntárias internas chegaram, Isabella e Amanda - elas trouxeram os lanches. A fila de crianças, que já estava grande, ficou eufórica com as comidas que chegavam. Isabella, após descarregarmos, explicou que pela tarde receberíamos os adolescentes e faríamos uma festa neon - uma comemoração, já combinada previamente com eles (ela tinha comprado, até mesmo, itens temáticos [pulseiras, luzes, caixa de som]).

Antes de iniciar a atividade da manhã, ou seja, aguardando as crianças entrarem, reparei algumas coisas: 1) algumas crianças chegavam com pais, outras sozinhas ou em grupo (depois, conversando com uma voluntária, ela me explicou que existe uma divisão: jovens que entram com uma pulseira verde e outra laranja – a verde, a criança sai sozinha das dependências do ABC, e a laranja, com os pais) e 2) tinham alguns adolescentes que foram para atividade das crianças.

Aberto os portões, as crianças entraram muito animadas e foram tomar café da manhã – brincando e, também, brigando. Com todas as crianças no espaço (não consegui, ao todo, contar quantas estavam presente – mas diria que mais de 30), Isabella, que sabia o nome de todos, que os abraçava e os beijava (assim como outros voluntários, que possuíam uma relação afetiva muito próxima das crianças), as organizou e explicou o funcionamento das atividades do dia. Dentre juras de mindinho e pedidos de silêncio, ela convenceu os jovens que todas as atividades seriam legais (apesar de, grande parte deles, estarem animados para o futebol e para o lanche – e não para a improvisação da yoga ou pensar sobre as eleições); porém, antes, seria necessário eles fazerem a assembleia.

O que seria a assembleia? A cada início de mês, os voluntários conversavam com os beneficiários para investigar qual oficinas eles queriam. Aqui é o primeiro ponto freireano: os temas das atividades estavam embasados na necessidade das crianças e adolescentes, que advinham de seu meio – discutidas no início de cada mês. Apareceu todo o tipo de oficina: culinária, capoeira, futebol, corrida, leitura, *parkour*, pipa, desenho – muitas atividades em torno dos esportes e das artes, algumas não conseguiriam realizar (pois, segundo voluntários, não existe muita procura de “oficineiros”, apesar de existirem espaços/pessoas parceiros do ABC).

Após o debate, bem acalorado (onde Isabella, em alguns momentos, teve que demonstrar sua autoridade – mas não de forma autoritária; exemplo: não gritava com os



jovens, nem os ameaçava, mas ficava em silêncio e falava como aquela situação a incomodava [se tratava a criança como um ser humano – é o mínimo, que as vezes não se cumpre]), onde, também pude interagir com as crianças, que se demonstravam bem interessadas na minha presença (inclusive, brinquei de “luta de polegar” com algumas delas), após uns 30 minutos as oficinas iniciaram. Yoga, oficina sobre eleições e futebol.

Tentei, em minha experiência, observar um pouco das três oficinas. As atividades de yoga e futebol foram as mais corporais, tendo alguns conflitos dentre as crianças (alguns dos voluntários que observaram, fixamente, as ações, destacaram que os jovens estavam xingando muito, entrando em conflitos físicos e com hábitos higiênicos duvidáveis – tais problemas precisavam ser trabalhados nas atividades pedagógicas).

Foquei na oficina das eleições. Isabella levou uma fábula sobre as eleições na floresta, exibida em cartaz, e questionou os jovens, de forma dialógica, sobre o processo técnico eleitoral e os discursos dos candidatos (explicando de como funciona o dia da votação, o período eleitoral [propagandas, debates, etc.], nosso dever de eleitores de avaliar o projeto dos candidatos – muitos deles demonstravam conhecer bem o processo). Ao fim, propôs uma atividade: “quais seriam as propostas de vocês se fossem candidatos ao cargo de presidente?”.

Para responder à essa questão, as crianças poderiam desenhar, escrever e, até mesmo falar (todos produtos de estímulo ao lúdico, incentivando as crianças a pensar qual seria a função da política: mudar a realidade delas). Como resultado final, grande parte das crianças reivindicou a necessidade de asfaltar o bairro - queriam mais infraestrutura.

Com essa atividade, então, consegui perceber que a prática pedagógica social do ABC do Glória baseia-se em freireana. Para além do diálogo entre “professor”-“aluno”, partindo do interesse dos beneficiários (assembleia), a temática da oficina mediou as experiências da dimensão legal das eleições com a realidade dos discentes, gerando problematizações e questionamentos, fazendo as crianças se imaginarem em um cargo presidencial para pensar os problemas da comunidade, do seu cotidiano, de temáticas geradoras – ampliando seu horizonte de expectativas com base nas experiências expressas pelo lúdico, não apenas de forma “objetiva” ou física: eles estavam no centro do processo de pensar sua realidade, questionando as desigualdades sociais (qual o sentido do bairro ao lado, São Jorge, ter asfalto, e o Élisson Prieto não? É fundamental ter representantes da região na política).

Com o encerramento das atividades da manhã, todas as crianças e alguns adolescentes se uniram para a hora do lanche - esse foi o momento mais caótico da minha manhã no ABC do Glória. Por conta da quantidade de recursos, cada criança poderia comer e beber apenas uma vez; e, posteriormente, poderia sair para brincar.

Apesar de, em um primeiro momento, acharmos “engraçadas” ou “fofas” as artimanhas das crianças para conseguir mais comida (escondendo, visivelmente, o lanche ou o refrigerante embaixo da mesa), é um sintoma de uma realidade precária alimentada pela desigualdade social. Colocar limites na não repetição da comida é uma vivência dura – mas é necessário garantir que todos se alimentem.

Ao longo do lanche, a água do ABC do Glória acabou. Ficamos, então, sem ter como lavar os pratos e copos, além de ficarmos sem banheiro.

As crianças foram embora.



Algumas delas ficaram ali, as que não estavam acompanhadas pelos pais, no campinho, ou, até mesmo, dentro das dependências do ABC.

Montamos a festa neon para os adolescentes – que se atrasaram, mas chegaram.

Diferente das crianças, os adolescentes demonstravam-se um pouco mais distantes e menos dispostos para realizar as atividades (por mais que, pelo que observei, eles se sentiram à vontade e se divertiram bastante – dentro de seus grupos).

Após o fim da festa, tivemos que fechar o ABC: os adolescentes foram embora rápido – porém, ainda tinham crianças ali que não queriam ir. Guardamos os lixos e arrumamos tudo. Fiquei responsável, junto de alguns voluntários que engatei conversas sobre abordagens psicoterápicas e política, de levar o lixo até o lugar específico para descarte que era na saída do bairro Élisson Prieto, na divisa com o bairro São Jorge – foi o único momento que andei no bairro.

No caminho, passamos por um supermercado, onde algumas mulheres pediram as garrafas que iríamos jogar no lixo – talvez para vender ou fazer uso doméstico. Continuamos andando, passei por uma distribuidora de bebidas, uma casa, que uma criança chorava, até chegarmos na lixeira. Lá tinham outras pessoas, aglomeradas; uma delas pediu a comida que uma voluntária estava levando (restos do almoço que iria comer na janta, por isso ela não deu a comida). Para ir embora, chamamos uma motorista via aplicativo. Ficamos, aproximadamente, 15 minutos aguardando o carro chegar. Ao chegar, voltamos para o ponto de embarque, por volta das 15h.

Concluo, então, que há, como visto na dinâmica da assembleia e oficina sobre as eleições, elementos freireanos na estratégia pedagógica social e lúdica das atividades realizadas no projeto ABC do Glória, confirmando os destaques feitos pelos Trabalhos de Conclusão de Curso e a proposta, central, do *Plano Educacional*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como formar cidadãos democráticos sem considerar as inquietações e necessidades humanas de cada pessoa. Lidar com o estudante de forma bancária, de forma instrumental ou mecânica, é dilacerar sua humanidade – é contribuir para existência de um indivíduo que não é sujeito, que não é ativo, que apenas vive passivamente (BENEVIDES, 1994) a vida pública que os cerca (às vezes, até mesmo, a negando).

A educação social do projeto ABC do Glória, inspirada por Paulo Freire, entende que para conseguir construir um espaço democrático onde os beneficiários consigam formar sua autonomia, buscar pelos seus direitos no espaço público, é necessário desenvolver a humanidade desses jovens em meio a precarização da falta de assistência do estado na região – ou seja, as atividades lúdicas realizadas pelo projeto estimulam a imaginação, não privilegiando uma repetição morta, lutando contra a alienação, fetichização e reificação dos jovens.

Os sujeitos históricos vão além de necessidades intelectuais ou de nossa biologia. No caso dos beneficiários, é necessário, também, estimular a sensibilidade, trabalhar o impacto emocional que a marginalização da desigualdade social gera. É isso que o ABC do Glória oferece por meio do lúdico e do dialogismo, construindo, assim, para transformação e emancipação da condição de opressão dos jovens do bairro Élisson



Prieto, fazendo com que eles tenham confiança em imaginar um futuro diferente, melhor, para a realidade que os cerca – sem recorrer ao retorno autoritário do passado brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Marina Barquete. **Terceiro setor na mídia: Uma análise de como a OSC ABC do Glória é representada na imprensa televisiva uberlandense.** 2022. 85 f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2022.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania e democracia. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 5-16, 1994.

CARVALHO, José Sergio Fonseca de (org.). **Educação, cidadania e direitos humanos.** Petrópolis: Vozes, 2004.

CARVALHO, Vicente Vitoriano Marques. As imagens no “Método Paulo Freire” na experiência de Angicos (RN) – 1963. **Revista Educação em Questão**, v. 21, n. 7, p. 98-115, 2004.

COIMBRA, Camila Lima. "A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana." LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. *In: **Revolucionando a Sala de Aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem.*** São Paulo: Atlas, 2017, p. 01-13.

ESTATUTO Social da associação ABC do Glória. Uberlândia: 26 nov. 2019. Disponível em: <https://abcdogloria.org/>. Acesso em: 21 out. 2022.

FERREIRA JR, Amarilio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cadernos Cedes**, v. 28, p. 333-355, 2008.

FICHTNER, Bernd. **Pedagogia Social e Trabalho Social – um rascunho**, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

MOURA, Mauro Castelo Branco de. Marx e Procriação: por um materialismo não economicista. **Colóquio UNICAMP – Cemax**, 2005. Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%e7%f5es/GT1/gt1m5c5.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

NETO, João Clemente de Souza Neto. Pedagogia Social: a formação do educador social no seu campo de atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**, v.16, n.32, p. 29-64, 2010.

NETO, João Clemente de Souza; SCWARTZ, Rosana Maria Pires Barbato; RYNÄNEN, Sanna (orgs.). **Ação e reflexão, reflexão e ação: pedagogia social, arte e cultura.** Rio de Janeiro: Rio Books, 2022.

PLANO. **Educacional ABC do Glória.** Uberlândia: 2019.



REIS, Érika Pires. **Projeto ABC do Glória construindo uma atuação em psicologia escolar e educação popular 2020**. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

VALENTE, Augusto. “Primeiro a barriga, depois a moral”: a atualidade de Brecht, **DW**, 14 ago. 2006. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/primeiro-a-barriga-depois-a-moral-a-atualidade-de-bertolt-brecht/a-2127270>. Acesso em: 21 out. 2022.

XAVIER, Matheus Dias. **Dias de glória**: relato de trabalho voluntário em uma ONG. 2022. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.